

O OLHAR DO ESTUDANTE SOBRE O NOVO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DO DISCURSO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO TOCANTINS NA PERSPECTIVA SEMIÓTICA

*THE STUDENT'S VIEW ON THE NEW HIGH SCHOOL:
ANALYSIS OF BASIC EDUCATION STUDENTS' SPEECH IN TOCANTINS STATE IN A SEMIOTIC PERSPECTIVE.*

LA VISIÓN DEL ESTUDIANTE SOBRE LA NUEVA ESCUELA SECUNDARIA: ANÁLISIS DEL DISCURSO DE LOS ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN BÁSICA EN TOCANTINS DESDE UNA PERSPECTIVA SEMIÓTICA.

Ellyzandrea Alves de Sousa¹
Rute da Silva Santos²

Resumo: O presente artigo propõe-se a fazer uma análise de um vídeo sobre o Novo Ensino Médio produzido por um grupo de alunos de uma escola estadual do Tocantins. O estudante como agente do saber, em sua prática diária em sala de aula, encontra-se muitas vezes sem entender as mudanças desse modelo de ensino que tem como discurso o protagonismo juvenil. Todavia, essa nova proposta de ensino, inserida sistematicamente em 2022, pauta-se em um modelo neoliberalista que transforma a escola em um agente ideológico a serviço da classe dominante. Há uma intencionalidade ao se manipular práticas educacionais atuais. Assim, apresentamos ao longo do texto o olhar dos estudantes do interior do estado que, mesmo diante de suas limitações frente ao lugar em que vivem, protestam sobre um ensino que para eles é trágico, sem qualquer sentido para o contexto no qual estão inseridos, revelando-nos quão frágeis são as suas interações com os professores e como constroem sentidos para essa experiência discursiva que perpassa pelos regimes da programação e da manipulação e conflitua o processo de aprendizagem. Escolhemos como âncora teórico-metodológica para essa análise e discussão em torno do assunto a semiótica discursiva e trazemos como referências Landowski (2014), Soares e Silva (2017), Silva (2022) e Tatit (2010, 2019).

Palavras-chave: Sentido. Programação. Manipulação. Protesto. Aprendizagem.

Abstract: This article aims to analyze a video about the New High School produced by a group of students from a state school in Tocantins. The student as an agent of knowledge, in his/her daily practice in the classroom, often finds himself/herself without understanding the changes in this teaching model that focuses on youth protagonism. However, this new teaching proposal, systematically inserted since 2017, is based on a neoliberal model that transforms the school into

¹ Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura - PPGLIT/UFNT. Mestra em Letras pelo PROFLETRAS/UFT. Professora efetiva da educação básica - SEDUC/TO e SEDUC/MA. Membro do Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins – GESTO. E-mail: rute.santos@mail.uft.edu.br

² Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura - PPGLIT/UFNT. Mestra em Letras pelo PROFLETRAS/UFT. Professora efetiva da educação básica - SEDUC/TO e SEDUC/MA. Membro do Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins – GESTO. E-mail: ellyzandrea.sousa@mail.uft.edu.br

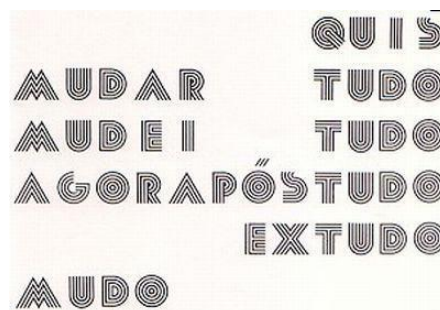
an ideological agent at the service of the dominant class. There is an intentionality while manipulating current educational practices. Thus, throughout the text we present the perspective of students from the countryside of the state who, despite their limitations in relation to the place in which they live, protest about a teaching that for them is tragic, without any meaning for the context in which they are inserted, revealing to us how fragile their interactions with teachers are and how they construct meanings for this discursive experience that permeates the regimes of programming and manipulation and conflicts with the learning process. We chose discursive semiotics as the theoretical-methodological anchor for this analysis and discussion around the subject and bring Landowski (2014), Soares and Silva (2017), Silva (2022) and Tatit (2010, 2019) as references.

Keywords: Meaning. Curriculum. Manipulation. Protest. Learning.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar un vídeo sobre la Nueva Escuela Secundaria producido por un grupo de estudiantes de una escuela pública de Tocantins. El estudiante como agente de conocimiento, en su práctica diaria en el aula, muchas veces se encuentra sin comprender los cambios en este modelo de enseñanza que apuesta por el protagonismo juvenil. Sin embargo, esta nueva propuesta docente, insertada sistemáticamente en 2022, se enbasa en un modelo neoliberal que transforma la escuela en un agente ideológico al servicio de la sociedad dominante. Existe una intencionalidad al manipular las prácticas educativas actuales. Así, a lo largo del texto presentamos la perspectiva de los estudiantes del interior del estado quienes, a pesar de sus limitaciones en relación al sitio en el que viven, protestan por una enseñanza que para ellos es trágica, sin significado alguno para el contexto en el que se encuentran. En el que se insertan, revelándonos cuán frágiles son sus interacciones con los docentes y como construyen significados para esta experiencia discursiva que permea los regímenes de programación y manipulación y entra en conflicto con el proceso de aprendizaje. Elegimos la semiótica discursiva como ancla teórico-metodológica para este análisis y discusión en torno al tema y traemos como referentes a Landowski (2014), Soares y Silva (2017), Silva (2022) y Tatit (2010, 2019).

Palabras clave: Significado. Cronograma. Manipulación. Protesta. Aprendizaje.

Considerações iniciais



O poema de Augusto dos Campos, intitulado Pós-tudo, publicado em 1984, revela-nos um fazer individual (1º pessoa verbal) para mostrar um olhar único em direção às mudanças que tanto o eu-lírico desejou. Entre o desejo de mudança e o mudar concretizado, há espaços que direcionam o leitor a perceber que as mudanças oriundas desse desejo não foram fáceis.

No poema visual o poeta trabalha o verbal e o não-verbal. O aspecto visual contribui para a intencionalidade do dito. O desejo apenas aparece após um recuo, o que possibilita pensar que antes do querer (quis) houve um tempo de reflexão. Assim, tomada a decisão, os versos posteriores seguem o mesmo padrão, reforçando a ideia de que houve uma estabilidade na vida daquele que tanto almejou uma mudança.

Entretanto, após esse período, um novo tempo surge. O que estava metricamente organizado, palavras postas uma após outra, juntam-se, ficam justapostas e formam um novo tempo, um momento presente (agorapostudo), mas o agora é conturbado e o que era tudo se torna um “extudo”. O prefixo “ex” conduz-nos à interpretação de que depois de tudo mudado o agente *do fazer* rever o seu passado e finaliza esse tempo de mudança, mudo. A polissemia da palavra final induz-nos aos seguintes questionamentos: A mudança lhe deixou mudo a ponto de perder a voz? A mudança lhe fará mudar novamente? Haverá outra mudança ou apenas permanecerá o silêncio diante das ações realizadas?

Tal como no poema, na contemporaneidade, a classe estudantil, também, se encontra imersa em um tempo “pós-tudo”, vivendo um “agorapostudo” repleto de inquietações, dúvidas e incertezas oriundas de um desejo de mudança que não partiu dela, mas de um governo a serviço da classe dominante. Imersos no caos que se instalou nas escolas, conturbados, alguns estudantes permanecem no silêncio, outros manifestam-se e buscam novas mudanças. Para isso, saíram às ruas e protestaram, os gritos de rejeição manifestados nos discursos que emergem como resultados dos conflitos vividos em sala de aula e das dificuldades de adaptação de metodologias é o que mostraremos na próxima sessão. Sensibilizadas diante desse presente caótico do Novo Ensino Médio, pretendemos apresentar o olhar dos estudantes do interior do Tocantins que, mesmo diante de suas limitações frente ao lugar em que vivem, protestam sobre um ensino que para eles é trágico e sem qualquer sentido para o contexto no qual estão inseridos.

Construindo sentidos sobre o sem sentido

Os ventos que sopram sobre a classe estudantil não parecem favoráveis, pois não conseguem entrar em conjunção sobre o que é oferecido e o que realmente se vive na prática. As vozes que ecoam nos corredores de colégios e pelas ruas protestando e pedindo a revogação do Novo Ensino Médio, não aceitam os ventos dos regimes da programação e da manipulação que vem se instaurando desde a elaboração desta nova proposta de ensino até sua implantação em todo o Brasil em 2022. O estudante como agente do saber, em sua prática diária em sala de aula, encontra-se muitas vezes sem entender as mudanças desse modelo de ensino pautado no discurso

de engodo de protagonismo juvenil que afirma está contribuindo com a “formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais” (Lei 13.415/17. art.35-A; §7º).

A proposta atual já em 2016 iniciou um amplo projeto de divulgação por meio de propagandas em canais de TV e Internet, apresentando as mudanças e destacando o papel do estudante nesse processo, uma vez que o currículo estaria agora de acordo com as suas escolhas vocacionais. Assim, para criar um simulacro positivo de que esse processo educativo seria democrático, escutas públicas foram feitas buscando convencer a população de que as mudanças não eram apenas desejo de um grupo, mas da sociedade em geral.

No entanto, tal processo foi falsamente democrático, sendo apenas parcial, uma vez que não acolheram as críticas e os debates que ocorreram em paralelo a sua elaboração (Cury, Reis e Zanardi, 2018, p.8), revelando, assim, os reais objetivos de “transformar a escola em instituição que visa exclusivamente à manutenção de uma estrutura de poder, mediante, reprodução do saber, imposto pelos grupos dominantes” (SILVA, 2022) , que apenas querem preparar o jovem para o mercado de trabalho, já que prevê a oferta de variados itinerários formativos para atender à multiplicidade de interesses dos estudantes: o aprofundamento acadêmico e a formação técnica profissional (BRASIL, 2018, p. 43).

Face a estes objetivos, dada a flexibilidade e autonomia das novas diretrizes e bases da educação nacional e ancoradas na Base Comum Curricular, as secretarias estaduais de educação fizeram “diferentes arranjos” para compor a parte diversificada do currículo. Centralizadas em capitais, longe das pequenas cidades, começaram a traçar também a organização curricular por escutas, as quais no estado do Tocantins foram realizadas em 2020 e início de 2021, em meio à pandemia, período em que grande parte dos alunos, residentes na zona rural, por não terem acesso à internet, realizavam atividades impressas e disponibilizadas na escola quinzenalmente. Sem serem ouvidos, são hoje submetidos a cursarem 1.200 horas de novas disciplinas que para eles, em boa parte, não fazem sentido, pois como aduz Silva:

diante das peculiaridades de ser desse sujeito e de seu modo de interagir com os outros, com os textos, com o mundo, pela sua história de vida e de formação, pelos seus interesses de leitura, etc., há que se concluir que coexistem diferentes possibilidades de produção de sentido” (SILVA, 2017, p. 210).

Sem considerar as diferenças culturais e sociais, os sistemas educacionais vigentes tendem a mecanizar as aulas com temáticas previamente elencadas em seus cadernos de orientações e agendas de aula com datas para serem seguidas pelos docentes. Nesse regime de programação, que se “instaura pela repetição e pela previsibilidade”, os conteúdos parecem operar para o

esvaziamento do sentido, visto que a programação, por mais ingênua que seja, tende a manipular o querer fazer e o querer ser do estudante, uma vez que

a manipulação aponta para transformar o mundo mediante uma conduta estratégica prévia que tem em vista, se não em todos os casos os “estados de alma”, ao menos a competência de outro sujeito, o “querer fazer” que o levará a agir, seja operando por si mesmo sobre o mundo como tal, seja manipulando por sua vez outro sujeito, seja até mesmo segundo outro procedimento que ainda falta por identificar e por definir. (LANDOWSKI, 2014, p. 22);

Portanto, ao induzirem os estudantes a cursarem Itinerários Formativos, previamente selecionados pela Secretaria de Educação do Estado, há uma manipulação que busca apenas moldá-los, não para viverem o que desejam, mas apenas atuarem em favor do próprio estado. Uma concepção de educação dentro desse modelo torna o professor um sujeito executante, reduzindo-o ao papel temático de mero reprodutor de conceitos que trabalha em função de criar comportamentos condicionados.

Além das aulas programadas³, observa-se que o excesso de disciplinas tem esvaziado o sentido dessa nova proposta. O estudante tem uma enorme quantidade de informações que passam a ser automatizadas pela própria organização do calendário escolar. O sistema educacional do novo ensino médio pauta-se em um modelo neoliberalista que transforma a escola em um agente ideológico a serviço da classe dominante. Há uma intencionalidade ao se manipular práticas educacionais atuais. A escola da contemporaneidade, por meio da programação, minimiza os riscos dos sujeitos ao estabelecer acordos orientados por comportamentos padrões e até mesmo previsíveis (SOARES, SILVA, p.06, 2022).

Entretanto, como sujeitos construtores de sentido, os estudantes diante das primeiras experiências provam o enfado, como diz Landowski, “esse estado da alma no qual o mundo vazio de sentido, de interesse de valor, dá a impressão de estar ausente e no qual, correlativamente, permanece prostrado no sentido de sua própria incapacidade de existir” (LANDOWSKI, 2014, P.14). Diante desse estado de alma, passam a criar outros sentidos, a perceberem que, por meio da resistência e de um discurso de rejeição às propostas e às metodologias, suas vozes podem alterar a realidade educacional vigente.

Protagonismo juvenil: vídeo de protesto

³ Para Landowski, a programação preside, em primeiro lugar, as atividades de tipo *tecnológico* que concernem as nossas relações com as coisas. Mas ela pode também subjazer a um modo de organização social e política de tipo *tecnocrático*, no que tange às relações entre as pessoas. Dado que esses dois aspectos podem muito bem seguir de mãos dadas, quanto melhor se conseguir conjugá-los mais se aproximará de um regime de segurança perfeita, sem acidentes nem desvio de qualquer tipo. Sua Aliança culmina na organização de sociedades totalitárias de tipo burocrático, espécies de máquinas humanas a serviço da máquina de produção. (LANDOWSKI, 2014, p. 32)

O vídeo⁴ em análise foi produzido pelos estudantes da 3^o série do Ensino Médio do turno matutino de uma escola situada no interior do Tocantins. A sugestão de produção do trabalho em equipe foi uma orientação da professora da disciplina de Língua Portuguesa após um debate que surgiu logo no início da aula sobre a nova proposta de ensino. O que motivou a professora sugerir tal atividade deu-se pela resistência de alguns alunos em não entrar na sala durante as aulas da parte diversificada cujos componentes curriculares são Projeto de Vida, Eletiva e Trilhas de Aprofundamento no estado do Tocantins. A discussão não estava programada, mas tornou-se objeto da aula, uma vez que diante da relutância da turma em não participar, a docente viu a necessidade de questionamentos em busca de respostas para tais comportamentos. Vale ressaltar, que na escola já se tornou comum muitos alunos ficarem fora das salas em qualquer aula das disciplinas referentes aos itinerários formativos.

Na instituição de ensino em questão, a disciplina de Eletiva, para essa turma, ocorre toda segunda-feira, no 3^o horário. Nesse momento, os estudantes saem das turmas habituais e entram na turma que eles escolheram participar. A escolha desse itinerário formativo ocorre no início de cada semestre, após a apresentação dos professores que já decidiram quais temáticas irão trabalhar. Passado esse momento, os alunos inscrevem-se na Eletiva que mais lhe chamou a atenção ou encontrou mais afinidade. Mesmo diante da escolha desse momento “falsamente democrático” (pois preenchido a quantidade de vagas na turma, o estudante é obrigado a participar de outra mesmo sem querer), muitos preferem não participar das aulas, ficando no pátio da escola. No entanto, segundo a normativa da lei 13.415/17, esse componente curricular é obrigatório, já que ao final do ensino médio, o estudante deverá ter 1.200 horas de participação nos itinerários formativos.

O vídeo foi produzido por 5 alunos e inicia com a identificação da turma (fig.1), em letras brancas, maiúsculas, sobre um fundo vermelho destacando-se do preto, mas não apresenta os nomes dos componentes. A opção de não se identificarem leva-nos a inferir que os posicionamentos ali apresentados não são apenas dos cinco alunos, mas de toda turma composta por vinte e nove vozes que irão se expressar em uma produção de um minuto e doze segundos.

⁴ <https://www.instagram.com/reel/C0Nao85LOZ0/?igshid=ODhhZWM5NmIwOQ==>



(fig.1)

Antes de expor o título, tem-se na filmagem a imagem de um painel (fig.2) que foi confeccionado em 2022 pela gestora da unidade de ensino para divulgação da implementação do Novo Ensino Médio na instituição. Observa-se nele o brasão da unidade de ensino, parte do nome do colégio e a palavra “eletivas” que se repete várias vezes dentro de uma forma geométrica triangular, com as cores do Estado do Tocantins.



(fig.2)

Do início ao título, as imagens que se sucedem são transmitidas em quatorze segundos. Como trilha, escolhem uma música instrumental que trará uma sequência repetitiva de notas que se sucedem, alternando-se entre lentas e aceleradas. Esse recurso na linguagem musical objetiva conduzir o ouvinte à percepção de que algo trágico e/ou assustador está prestes a acontecer. Nesse sentido, Tatit explica:

O tempo musical, para Brelet⁵, é um dispositivo formal para se pensar a relação entre elementos contínuos e descontínuos traduzindo as diferenças sonoras em intensidades (“elãs”, impulsos) que promovem retomadas incessantes de seus próprios temas e motivos, compondo, por fim, em outro nível, uma nova continuidade a que chamamos duração musical. (TATIT, 2019, p. 62)

Tal duração musical constitui-se de uma “narratividade generalizada” (TATIT, 2019, p. 27), isto é uma narrativa não verbal que acontece por meio de transformações e mudanças de estados, além de outros elementos da gramática narrativa de Greimas⁶, tais como, modalização e argumentação. Desse modo, percebemos na música que inicia o vídeo uma tonalidade e um ritmo que suscitam emoções como agonia e ansiedade, as quais serão materializadas na tela pela linguagem verbal que anuncia o título: “Trágico e Novo Ensino Médio”, em letras brancas que se ressaltam na tela em tom de alerta destacando-se no fundo preto. A relação entre a sinfonia e o texto verbal converge-se em uma relação intrínseca na narrativa direcionada a alguém. Assim, vemos funcionando o modelo semiótico de Greimas.

Nas palavras de Tatit, “todo enunciador é, por definição, um destinador que pretende persuadir seu enunciatário (ou destinatário) e com ele celebrar um contrato veridictório (baseado num consenso cognitivo) ou, ao menos, fiduciário (baseado numa relação de confiança.) (TATIT, 2019, p. 27). Ao enunciarem, os alunos utilizam-se do primeiro contrato, trazendo ao longo da narrativa discursiva provas de veridicção. Ademais, o cromatismo empregado na oposição preto/branco, já antecipa a posição discursiva com abordagem disfórica, haja vista que o plano de fundo onde predomina o preto, produz efeito negativo, conforme pode ser observado na figura 3.



(figura 3)

⁵ Gisèle Brelet - musicóloga, filósofa, autora do livro *Le temps musical*, 1949. Obra que inspira a criação do Semiótica tensiva de Zilberbeg (2006). (TATIT, 2019, p. 61).

⁶ GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica Estrutural*. São Paulo, Cultrix, 1973 [1996].

Os adjetivos trágico e novo em dimensões menores em relação à expressão Ensino Médio em conjunção com a trilha musical manifestam as transformações dos estados passionais materializados no sincretismo das linguagens que se cruzam, traduzindo o próprio sentir dos sujeitos enunciadoreis. Esse sincretismo movimenta-se pelas direções tensivas, as quais Zilberberg⁷ identificou como subjacentes aos dois movimentos canônicos: direção descendente (dada pela falta) e direção ascendente (própria da liquidação). (TATIT, 2019, p.32). Segundo Tatit (idem), o que está em jogo nas duas dimensões “é a intensidade da competência modal e dos papéis desempenhados pelos actantes.” Nesse jogo, temos como actantes alunos e professores, os primeiros recusando uma manipulação, criando, assim, um antiprograma⁸, uma vez que se sentem em disjunção com o novo ensino médio (objeto/valor) e com os outros sujeitos; os segundos tentando entrar em conjunção com os sujeitos da antiprogramação, dada a falha na competência modal de manipulá-los e passando ao status de destinatários desse antiprograma. Rompe-se a continuidade inicial na relação entre esses actantes, dando surgimento a um novo acontecimento⁹.

Ainda quanto à música, ela se destaca pelos acordes de dois instrumentos clássicos: piano (tons menores) e violino (notas aceleradas). A seleção musical vem intensificar o termo trágico que pela colocação na estrutura frasal, no início, elimina a possibilidade de o receptor questionar a não tragicidade do novo ensino. A repetição de notas com a união dos tons indica sentimentos introspectivos tais como medo, tristeza e decepção, ao mesmo tempo que transmite sensação de agonia, desespero e fuga.

A harmonia entre tons, juntamente com o verbal, vai produzindo o parecer do sentido que, para a Semiótica, “apreende-se por meio das formas da linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-se comunicável e partilhável” (Bertrand, 2003. p.11). Ao integrarem a música com o enunciado, vão construindo sentidos, revelando de forma tensiva seus discursos e sentimentos quanto à nova proposta de ensino. Segundo Tatit, Zilberberg, ao desenvolver a noção de tensividade, a identificou como “o que se conserva, o que subsiste na disjunção e, portanto, como a própria temporalidade.” (TATIT, 2019, p.64). No vídeo, a duração (temporalidade), abreviada no andamento musical e verbal, denota o estado disjuntivo de seus enunciadoreis. Os tons traduzem esses sentimentos de falta, aguçam no ouvinte/destinatário

⁷ ZILBERBERG, Claude. Elementos da Semiótica Tensiva. Cotia (SP), Ateliê Editorial, 2011 [2006].

⁸ FR. PROGRAMME NARRATIF; INGL. NARRATIVE PROGRAM. 1. O programa narrativo (abreviado como PN) é um sintagma* elementar da sintaxe* narrativa, constituído de um enunciado de fazer* que rege um enunciado de estado*. (GREIMAS e COURTÉS. Dicionário de Semiótica, 2021, p. 388)

⁹ Para Greimas, acontecimento é “mensagem organizada numa estrutura actancial imutável.” Para Zilberberg, é “um conceito central da hipótese tensiva”. (TATIT, 2019, p. 34)

sensações de terror e o conduzem a partilhar das mesmas angústias; pelo próprio contexto em que o vídeo emerge, está claro que os estudantes buscam seduzir o ouvinte à adesão às opiniões ali apresentadas.

Para sustentarem o argumento de que o novo ensino é trágico, os estudantes selecionam duas reportagens (fig.4). Os recortes foram extraídos do telejornal exibido pela TV Cultura (03 de novembro de 2021) e TV Brasil (15 de março de 2023). No entanto, não seguem a estrutura frasal exposta da tela anterior, visto que, primeiramente, expõem a reportagem divulgada em 2021 que narra de forma positiva a satisfação que a maioria dos estudantes do ensino médio da época demonstravam em relação à nova proposta.



(figura 4)

Os estudantes destacam da primeira reportagem o vocábulo “satisfeitos”, no entanto que no “aqui” e “agora”, momento da enunciação enunciada, passa a ser questionável (fig.5), assumindo suas posições como sujeitos, além de convocar o enunciatário para questionar-se, também, diante do atual contexto em que estão inseridos. O segundo fragmento de reportagem funciona como contradiscurso ao primeiro. Pela escolha discursiva, o enunciador, através da interrogação, convoca o enunciatário a assumir um posicionamento discursivo, ao mesmo tempo que, implicitamente, já apresenta o seu.



(figura 5)

Ao projetarem o termo “satisfeitos” o narrador silencia-se. O silenciar sugere os fatos que se sucedem: a insatisfação que será exposta na segunda reportagem que narra os inúmeros protestos ocorridos no país em março deste ano. Além da narrativa da apresentadora, são exibidas imagens de estudantes (fig.6) com faixas e cartazes, protestando e pedindo a revogação da lei de 16 de fevereiro de 2017. Há uma nova convocação, evocando a força estudantil e o seu legado de luta. Durante a exposição das reportagens e imagens, os instrumentos musicais mudam. A trilha sonora muda de intensidade, destacando-se uma vocalização que se aproxima aos padrões do canto gregoriano, indicando percurso para fins trágicos dos épicos ou das narrativas de cinema.



(fig. 6)

Esse sentimento de busca pela adesão aos protestos também pode ser notado pela escolha do narrador, sendo outro recurso argumentativo, pois recorrem à voz não humana produzida por aplicativos que usam Inteligência Artificial para narração de enunciados. Sabe-se que é comum esse recurso em vídeos que circulam em aplicativos como Reels, Tik ToK etc. Entretanto, ao contrário do que comumente se publica na rede social, a voz não é feminina com timbre agudo, representando a voz materna carinhosa e meiga, mas escolhe-se a voz masculina grave para produzirem um sentido de imposição, visto que o objetivo é claro: levar o destinatário a sentir temor das consequências dessa nova proposta que para esses alunos é trágica.

Os estudantes poderiam ter escolhido um dos componentes do grupo para a narração, mas a escolha de um deles limitaria seus objetivos, pois seria apenas mais uma voz em meio a tantas vozes que protestam, individualizando apenas um grupo de alunos. O recurso da não identificação da voz generaliza e representa a voz da impessoalidade. A *debreamagem enunciativa*¹⁰ na voz metálica corrobora para a compreensão do discurso de protesto. A não identificação conduz-nos ao entendimento de que as ideias ali defendidas não são apenas da instituição, porém de todos os estudantes do país.

Outra vez, a relação sincrética entre a sinfonia e o enunciado mostra a oposição entre os pares trágico/novo, satisfeitos/insatisfeitos, entre aquilo que foi programado e que, hipoteticamente, seria algo transformador na vida da classe estudantil, uma vez que a proposta tem por “objetivo oportunizar o protagonismo, à vivência de situações de aprendizagem que refletem seus interesses, ao desenvolvimento integral e ainda valorizam a criatividade pedagógica do professor” (SEDUC/ TO). Todavia, tal objetivo muitas vezes não é alcançado em virtude das normativas que determinam como deverão ser elaboradas as eletivas. As regras, de fato, não abrem possibilidade nem para criar situações que reflitam a vivência dos estudantes, nem para a criatividade pedagógica do professor, uma vez que há de se seguir inúmeros procedimentos elencados pela secretaria de educação, além da pasta pedagógica que irá julgar se a eletiva de fato atende às exigências deles e não da unidade de ensino. Face ao exposto, muitos docentes apenas reproduzem eletivas já prontas em cadernos disponibilizados pela própria SEDUC (TO).

Entre uma reportagem e outra, entre os enunciados que emergem na escuridão da tela, o vídeo silencia. Para Tatit (2010, p. 57), “o silêncio é o nada, forjado pelo excesso de velocidade e pela confusão total dos limites, mas é também o tudo, proveniente de uma duração interminável

¹⁰ DEBREAMAGEM s.f. FR. DÉBRAYAGE; INGL. SHIFTING OUT

3. Partindo do sujeito da enunciação, implícito, mas produtor do enunciado, pode-se, pois, projetar (no momento do ato de linguagem ou do seu simulacro no interior do discurso), instalando-os no discurso, quer actantes da enunciação, quer actantes do enunciado. No primeiro caso, opera-se uma **debreamagem enunciativa**, no segundo, uma **debreamagem enunciva**. (GREIMAS e COURTÉS. Dicionário de Semiótica, 2021, p. 112)

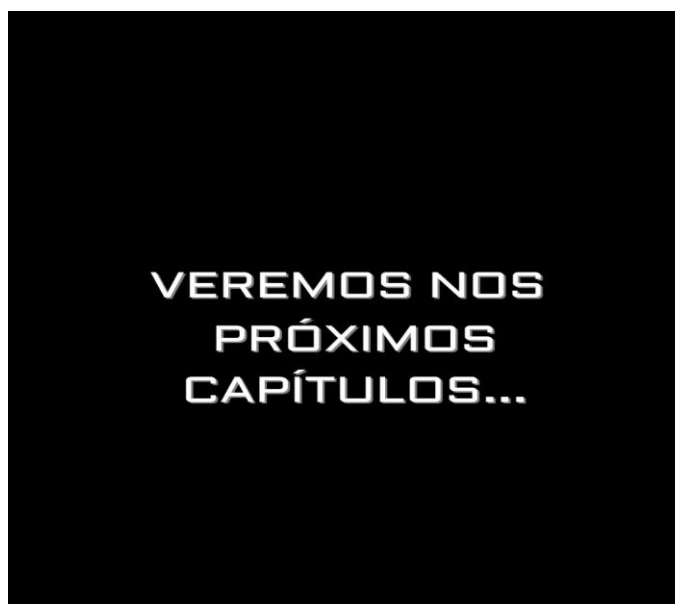
que consome o sentido de progresso e cria a sensação de que o tempo parou”. Essa pausa na linguagem musical é o momento de reflexão. Ao silenciar a música, provoca-se um suspense em quem assiste, uma parada necessária para dar continuidade à fluência do pensamento em torno da narrativa apresentada. Por isso, o silêncio surge para chamar a atenção do destinatário. A pausa leva aos questionamentos sobre o que de fato é o novo ensino (amigo ou pior inimigo?), induzindo-o a reflexão, bem como a optar-se pela escolha de um dos termos. Todavia, a oposição apresentada, pela presença do adjetivo pior, já induz para uma resposta, além de ressaltar o estado de transformação dos sujeitos, visto que, ao menos, no início havia sentimentos positivos materializados nos vocábulos novo, satisfeitos, amigo, demonstrando os estados passionais de euforia, uma vez que a nova proposta, por meio da sedução, prometia aos estudantes de que viveriam o não vivido, que seriam protagonistas e que participariam das escolhas de seu processo formativo.



(figura 7)

Dado ao não cumprimento da promessa, em tom de protesto, evocam os sons de tambores e batusques para despertar os sentimentos de guerra e luta. Esses sons de percussão estão relacionados a rituais, marcha, luta em prol de um objetivo. Assim, representam a resistência, o protesto. A seleção desse trecho musical objetiva, portanto, motivar outros estudantes, recrutando-

os a aderirem à luta em prol da revogação desse novo modelo de ensino. Mesmo os enunciados sendo construídos de forma interrogativa, não temos resposta na tela seguinte, mas apenas convida o ouvinte para que aguarde, juntamente com eles (veremos - 1ª pessoa do plural) as cenas dos próximos capítulos, deixando inacabado o desfecho da narrativa, ao menos de forma explícita.



(figura 8)

No entanto, pela própria organização da produção, verifica-se que, na perspectiva dos estudantes, as cenas dos próximos capítulos serão catastróficas, pois o título da narrativa já antecede o final. Os próximos capítulos já estão definidos, portanto, pela própria estrutura desse ensino programado “por sua própria lógica, a desembocar em uma forma paradoxal do trágico (LANDOWSKI, 2014, P..84). As reticências dão sentido de continuidade e direcionam a uma reflexão sobre esse modelo educacional, corroborando com o pensamento de que essa novela continuará, pois não haverá revogação, apenas adaptações que darão a falsa ilusão de que haverá melhorias, uma vez que, dada a flexibilidade e autonomia de sua base (BNCC), os estados ainda continuarão a serviço da classe dominante.

Considerações finais

A nova proposta de ensino de fato tem alterado os ânimos da classe estudantil e provocado nos professores uma exaustiva carga de trabalho para execução da proposta em face da parte diversificada e dos percalços que vão surgindo, a exemplo da rejeição por parte dos estudantes. É evidente as transformações dos estados passionais observados a partir do discurso deles, pois

durante um bom período, antes da implantação em todo país, ouvia-se relatos dentro do ambiente escolar de que seria uma mudança voltada para melhoria da educação e contribuiria para as escolhas profissionais. No entanto, o modelo que inicialmente foi inaugurado em 56 escolas-piloto no Estado do Tocantins em 2019 não se enquadraria nas demais unidades de ensino de tempo parcial que tiveram de fazer “múltiplos arranjos” para adaptar os horários de aula às demandas das novas disciplinas.

Nessa perspectiva, a escola passa a ser um território de luta e resistência. Os estudantes não estão satisfeitos com o que foi proposto e agora recusam-se a contribuir com o modelo centrado em metodologias que buscam apenas prepará-los para avaliações externas como a prova SAEB ou para um mercado de trabalho e não para vida. As aulas, ausentes de sentido, parecem acentuar, ainda mais, as lacunas entre o aluno das escolas pública e privada.

É preciso, portanto, pensar em práticas educacionais, tal como a semiótica didática, cuja intenção está voltada para despertar o olhar crítico por meio do trabalho com diversas leituras; práticas que levem em consideração o contexto em que os actantes estão inseridos, as quais se voltem para negociar sentidos e que garantam, de fato, a autonomia de cada instituição de ensino.

É também de vital importância que cada professor e professora reflita sobre o seu papel nesse processo de aprendizagem, reconhecendo-se como um não sujeito, ser assujeitado diante do sistema educacional, quando o seu *fazer* não ultrapassa o regime da programação, de forma que os sentidos da aprendizagem se tornam vazios de afetos, de sensibilidade e de conhecimento. Compreender que o espaço da sala de aula é lugar de aprendizagens múltiplas na interação com os sujeitos que dele participam, é o primeiro passo para um regime de ajustamento¹¹ entre actantes para que haja conjunção necessária com o objeto/valor; fora disso, não há aprendizagem.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica Estrutural*. São Paulo, Cultrix, 1973 [1996].

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (Org.). *Dicionário de Semiótica*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

¹¹ O que denominamos ajustamento não consiste nem em adaptar-se unilateralmente a um outro ator, nem, em sentido inverso em levar esse outro a submeter-se ao primeiro. [...] (LANDOWSKI, 2014, p. 48) Com o ajustamento, acabamos de reconhecer esses mesmos sujeitos como dotados, ademais, de um corpo e, por isso mesmo, de uma sensibilidade. Consequentemente, a interação não mais se assentará sobre o *fazer crer* mas sobre o *fazer sentir* não mais sobre a persuasão entre inteligências mas sobre o contágio entre sensibilidades [...] (LANDOWSKI, 2014, p. 48)

LANDOWSKI, E. *Regimes de sentido e formas de interação*. EntreLetras, Araguaína/TO, v. 7, n. 2, jul./dez. 2016.

LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014b

SILVA, L. H. O. *Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e literatura na perspectiva da semiótica didática*. In: BRITO, A. R.; SILVA, L. H. O.; SOARES, E. P. Divulgando conhecimento de linguagem: pesquisas em línguas e literaturas no Ensino Fundamental. Rio Branco: Nepan, 2017.

SILVA, L. H. O.. *Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociosemióticista Eric Landowski*. CASA (Araraquara), v. 12, p. 345-361, 2014.

SOARES FILHO, A. C. ; SILVA, L. H. O. . *Os nervos do esqueleto: interações humanas na peça A invasão, de Dias Gomes*. Travessias Interativas, v. 12, p. 1-15, 2022

TATIT, Luiz. *Musicando a semiótica: ensaios*. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. *Passos da Semiótica tensiva*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2019.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos da Semiótica Tensiva*. Cotia (SP), Ateliê Editorial, 2011 [2006].

<https://www.youtube.com/watch?v=9Bn6x-A1u8E>

Recebido em: 30/11/2023

Aprovado em: 20/2/2024